



A sociologia de Bernard Lahire e suas críticas à sociologia de Pierre Bourdieu

Renan de Oliveira Rodrigues¹

RESUMO

Como os indivíduos incorporam o social é uma das questões mais antigas na sociologia. Das contribuições acerca dessa questão a de Pierre Bourdieu possui notoriedade. Suas teorias, como a da prática, dos capitais, do habitus e dos campos sociais se tornaram fundamentais para qualquer pesquisador em ciências sociais. Mas nosso foco aqui é outro sociólogo francês: Bernard Lahire. A sociologia disposicionalista e contextual de Lahire tem seu foco em como os indivíduos mobilizam seus patrimônios de disposições (de esquemas de ação) conforme a pluralidade de contextos (que servem como molas da ação). Trata-se de uma profunda reflexão sobre o que muitos cientistas sociais tratam como um dado: a apreensão individual do mundo social. Ele também nos apresenta uma proposta programática, a sociologia à escala individual, que não objetiva ser exclusiva, mas busca metodologias mais eficazes para captar a pluralidade das lógicas da ação. Neste artigo discutimos não apenas a sociologia disposicionalista e a proposta programática de Bernard Lahire, mas nos detemos com especial atenção em como esse sociólogo mobiliza criticamente os aparatos teóricos e conceituais elaborados por Pierre Bourdieu.

Palavras-Chave: Pierre Bourdieu, sociologia disposicionalista, ator plural.

Recebido em 29/12/2017

Aceito para publicação em 25/04/2018

DOI: <https://doi.org/10.25067/s.v22i1.18654>

Introdução

Pretende-se neste artigo analisar como Bernard Lahire, em sua *sociologia do ator plural* (também *sociologia psicológica*) e mais tarde *à escala individual*, mobiliza criticamente Pierre Bourdieu na elaboração de sua proposta programática para a sociologia. Em sua elaboração teórica a questão central é o *como* os indivíduos incorporam o social, questão cara à sociologia, na qual a obra de Bourdieu representa certamente um marco. A obra de Lahire na qual

¹ Mestrando em Ciências Sociais no Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail para contato: renanbsj@hotmail.com.

nos aprofundaremos mais detidamente é *O homem plural: as molas da ação* (2001 [orig. 1998]), na qual o autor se debruça enfaticamente no plano teórico e traz aos leitores uma proposta programática que mais tarde se sedimentaria como a sociologia à escala individual. Em *O homem plural...*, como em muitas outras produções, Bernard Lahire buscou estabelecer intenso diálogo com a obra de Pierre Bourdieu, principalmente com a teoria da prática e com os conceitos de campo social e de *habitus*. Buscamos seguir a seguinte ordem: uma explanação sobre a sociologia disposicionalista de Lahire, o diálogo travado com os conceitos supracitados de Bourdieu e, por fim, a proposta de programa da sociologia à escala individual e as conclusões a partir das leituras realizadas.

Neste artigo destacamos a posição de Bernard Lahire e sua postura crítica frente a sociologia de Pierre Bourdieu – ou seja, estamos no escopo da tradição sociológica francesa, de profunda influência durkheimiana. Para conservar o foco sobre a proposta sociológica de Lahire e suas interpretações acerca da obra de Bourdieu as referências utilizadas dizem basicamente respeito ao autor sobre o qual nos debruçamos.

Bernard Lahire começa sua trajetória como sociólogo da cultura e da educação – defendendo em 1990 tese de doutorado sobre fracasso escolar na escola primária – e se utiliza recorrentemente de exemplos da prática da escrita e também das práticas escolares em suas explanações, inclusive, logo após defender sua tese conduziu trabalhos sobre os usos sociais da escrita e sobre sucessos escolares improváveis – o que originou o livro *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. Os campos educacional e cultural possuem relevado destaque quanto do esforço de se compreender a incorporação do social. Lahire reaproxima psicologia e sociologia, mas tendo consciência, tal como definira Saussure, de que seu olhar para o objeto, junto ao necessário rigor científico, é o que torna o seu fazer sociologia e não as ferramentas analíticas que usa. Professor de sociologia da Université Lumière de Lyon (1986-2000) e mais tarde da École Normale Supérieure de Lyon (2001 até o presente) – o que o afastou, segundo o mesmo, da lógica parisiense de classificar os sociólogos entre “anti” ou “pró” Pierre Bourdieu (LAHIRE, 2012a, p, 199) –, definiu inicialmente sua sociologia como sociologia psicológica; apenas no final dos anos 1990 e começo dos anos 2000 passou a definir sua sociologia como *disposicionalista e contextualista* (LAHIRE, 2012a, 2014a).

A incorporação do social para Bernard Lahire

Pode parecer dado que incorporamos no cotidiano os gestos, atitudes,

formas de falar, ações, práticas que vemos outras pessoas terem ou fazerem. Muitas vezes as teorias que visam falar dessa incorporação do social pelo indivíduo costumam aparecer sem grandes problematizações empíricas. Tais teorias, como a da ação racional ou do *habitus*, costumam ser generalizadoras em duplo aspecto: no seu uso para entendimento sistemático da complexidade social e na generalização dos atores sociais. Para Lahire, tais generalizações constroem atores que não são observáveis empiricamente. O que pode criar a falsa impressão de que no campo encontraremos com *verdadeiros membros da classe média*, por exemplo.

Bernard Lahire sabe que o entendimento sobre a incorporação do social, e por sua vez a proposta que nos traz, tem implicações sociopolíticas. Entendendo que a compreensão sobre o que é a ação implica num diferente preparo do terreno para se reformar as maneiras de agir. Implicações sócio-históricas também se fazem presentes, dado que as noções de unicidade e de pluralidade vão sendo articuladas de formas diferentes – em intensidade e em sentido – com o caminhar dos últimos séculos até os dias de hoje, no desenvolvimento do que se costuma chamar modernidade.

A sociologia do ator plural – e mais adiante à escala individual – não pretende ser uma sociologia do escopo metodológico individualista, mas sim uma sociologia que traga à tona as variações individuais de esquemas de ação (disposições) assimiladas pelos atores no decorrer de suas vidas – tendo em mente que novos quadros de socialização podem engendrar novas disposições. A ação nesse caso dependerá das situações (contextos) que serão as molas que projetarão o indivíduo a determinada prática. No mais, as explicações macrossociológicas e estatísticas não são em si um problema, por vezes elas permitirão um diálogo com as evidências coletadas empiricamente. O problema se dá quando tais explicações iludem dando uma ideia de unicidade, ou mesmo de invariabilidade, quando não trata seus atores generalizados como ilustrações, mas como casos particulares do real, ou mesmo quando a partir do estudo de uma só situação se busca traçar um modelo da sociedade em seu conjunto. Lahire (2001, p. 27) enfatiza também o risco inverso de cair no empirismo radical, “*que já não apreenderia senão uma pulverização de identidades, de papéis, de comportamentos, de ações e de reações sem nenhuma espécie de ligação entre eles*”.

Temos em Bernard Lahire que a ideia de singularidade não implica em unicidade ou irrepitibilidade. Nos argumenta que não é pertinente em sua obra se se trata de um método individualizante ou generalizante. A sociologia do ator

plural visa responder uma necessidade presente, fruto do processo de individualização a que estamos sujeitos. Objetiva mostrar que a oposição indivíduo e sociedade é falsa² e faz isso construindo uma narrativa sobre a produção dos indivíduos, evidenciando que o social não se reduz ao coletivo ou ao geral, mas que se faz presente mesmo no indivíduo (LAHIRE, 2002^a, p. 174).

A desconstrução inicial se dará sobre as teses de unicidade e de homogeneidade, mas também abarcará a naturalização com a qual boa parte da sociologia aborda a incorporação do social. As constantes generalizações estimulam o imaginário de indivíduos homogêneos – “o brasileiro”, a “cultura/identidade nacional”, por exemplo – e deixam à margem o que viria a ser heterogêneo ou mesmo contraditório. Muitas vezes se prima em olhar para coletivos, grupos, classe sociais, deixando como objeto de estudo menor os indivíduos e suas práticas ordinárias. A questão da unicidade traz consigo muitas vezes uma escolha mais fundamentada em pressupostos éticos – sob a crença do indivíduo único, exclusivo, singular e à parte da sociedade – do que empíricos. Olhando para unidade mínima de análise, que é o indivíduo, podemos entender a multiplicidade de disposições que esse expressa corriqueiramente e ligar ao seu pertencimento social.

A herança do capital cultural, conceito caro a Pierre Bourdieu, serve para ilustrar a naturalização com que se encara a ideia de transferência de disposições – transferência que ocorre com ou sem conhecimento do transmissor ou do receptor. Tal herança é fruto de um trabalho incessante, cotidiano, e não operado “naturalmente” sobre os sujeitos – sequer há garantia na transferibilidade de tal herança, nem de que ela será transmitida de forma idêntica para diferentes agentes. Lembrando que para Bourdieu o capital cultural³ garante a perpetuação dos marcadores sociais de distinção e a reprodução da estrutura social.

Para Lahire, é mais provável encontrar atores individuais com disposições heterogêneas e contraditórias, do que atores com coerência e homogeneidade dos esquemas que compõe seu patrimônio de disposições.

² Para além de Pierre Bourdieu, Bernard Lahire terá Norbert Elias como referência na abordagem que propõe. Outras referências serão traçadas, tais como Basil Bernstein, Jack Goody e Maurice Halbwachs. Também teremos grande influência dos clássicos, principalmente Émile Durkheim – mesmo pondo seu programa como “antidurkheimiano” e próximo do individualismo metodológico (LAHIRE, 2001, p. 253) –, mas o diálogo com o método weberiano de análise, bem como a abordagem marxiana (Lahire chega mesmo a usar o conceito de classe social) são (menos recorrentes, mas) presentes.

³ Não tem como deixar de destacar ainda os três outros tipos de capital: o econômico, o social e o simbólico. Apesar da abordagem destacar o capital cultural para fins analíticos, os quatro estão profundamente relacionados.

Afinal, cada ator pertence ao mesmo tempo a vários grupos, que também não são nem homogêneos nem imutáveis: “[...] vivemos experiências variadas, diferentes e, por vezes, contraditórias. Um ator plural é, portanto, o produto da experiência – muitas vezes precoce – de socialização em contextos sociais múltiplos” (LAHIRE, 2001, p. 46). Nesse sentido, temos que um ator plural possui um *patrimônio de esquemas de ação*, de disposições, que são organizados na forma de repertórios sociais, distintos entre si, mas comportando elementos comuns, por vezes, interconectados. Esquemas de ação que são adquiridos nas experiências dos indivíduos no interior de cada contexto social e que depois de incorporados passam a ser ativados em situações/contextos não necessariamente análogo ao qual foi adquirido, “o ator plural pode ativar esquemas de ação (disposições...) diferentes e, mesmo, por vezes, contraditórios em contextos sociais diferentes” (idem, p. 128). Reiteramos que a transferibilidade das disposições não se dá necessariamente em todas as ocasiões nem há garantia da ativação de tal ou qual disposição em determinado contexto – trata-se mais de uma ativação-inibição de disposições conforme a situação do que de um sistema de disposição que conduz tal ou qual comportamento nesta ou naquela situação –, bem como a ideia de patrimônio ilustra uma forma não rígida de acumulação de disposições, contrariamente ao que poderia se fazer crer a noção de sistema.

A família terá especial atenção de Lahire, pois é o espaço primário (de socialização primária) onde se começa a estabelecer o patrimônio de esquemas de ação individual, mas será posta em xeque a ideia de universo familiar homogêneo, harmonioso, indiferenciado, etc. Será, por exemplo, no ambiente familiar que muitos dos hábitos de leitura, difusamente apresentados, começarão a ser incorporados. A ideia de herança repercute com força nesse ponto: heranças materiais e imateriais. Lahire (2011) destaca ainda que as heranças materiais sempre vêm acompanhadas de certa transmissão de conteúdo imaterial, tais como gostos, competências, etc. e também do que será necessário para se apropriar de forma adequada a essas heranças.

A título de ilustração podemos pensar que uma criança, já nas primeiras idades, quando começa a frequentar a creche/escola, espaços secundários de socialização, pode passar a entender que as expectativas sobre o comportamento dela não são as mesmas ora em casa ora na creche/escola, o que já começa a apontar para comportamentos diferentes e mesmo contraditórios – que podem ser indesejados de uma parte ou de outra – conforme os contextos nas quais elas estejam inseridas, o que não impossibilita o uso de um esquema de ação apreendido num ambiente sendo utilizado em outro, em situação análoga ou não.

Ainda temos que as disposições, ou esquemas de ação, podem ser mais gerais ou parciais, sendo gerais quando encontram uma série de situações propícias para o seu desenvolvimento, e parciais quando ativadas apenas em situações particulares. Temos então que o grau de generalização dos contextos é de suma importância.

Para Frédéric Vandenberghe (2013, p. 75), o uso de “contextos” em Bernard Lahire, “é uma espécie de conceito guarda-chuva”, “que abarca tudo com que os atores se deparam no seu ambiente e que impinge sobre suas ações no presente e a partir do exterior (classe, poder, organizações, instituições etc.)”. Logo, seu significado é amplo e pode designar “espaços sociais abstratos”, “domínios institucionais ou funcionais”, “microcontextos”, “situações” etc. O que implica num mundo plural para pessoas plurais.

Outra problematização realizada por Lahire é sobre o que identifica como duas tendências seguidas pelos que tratam das ações e dos atores (duas tradições sociológicas): 1. a tendência de valorização da experiência passada, como se as atitudes presentes estivessem sempre em grande nível condicionadas às experiências adquiridas; e 2. a tendência de ignorar o passado, em leituras situacionistas das ações, como se os atores fossem desprovidos de passado e, dessa forma, agissem sempre coagidos pelo presente. O autor propõe não aceitar de pronto seguir por uma ou outra tendência, mas buscar o diálogo entre elas, olhando com atenção a relação entre esse passado (incorporado) com o presente (contextual):

Mais do que supor a sistemática influência do presente, dito por outras palavras, mais do que imaginar que todo o nosso passado, como um bloco ou uma síntese homogênea, persegue em cada momento todas as nossas situações vividas (as abordagens estatísticas, probabilísticas, ensinam-nos que o passado de um ator abre – e fecha – o seu campo dos possíveis presentes, mas não podem em nenhum caso descrever a relação passado-presente em termos de causalidade, por exemplo), o campo de investigação aqui proposto abre a questão das modalidades de desencadeamento dos esquemas de ação incorporados (produzidos ao longo do conjunto das experiências passadas) pelos elementos ou pela configuração da situação presente, isto é, a questão das maneiras como uma parte – e apenas uma parte – das experiências passadas é incorporada, convocada, despertada pela situação presente (LAHIRE, 2001, p. 67).

Para Lahire, podemos descrever as propriedades relacionais, pois não

passaria de um jogo de palavras – que uma retórica envolvente pode fazer crer – apostarmos numa causalidade que determine as ações humanas. Nenhum fator no momento do encontro é mais determinante do que outro. No mais, sempre haverá incertezas quanto aos desencadeamentos da ação. A crença numa espécie de disposições permanentes (generalizáveis e transponíveis) acaba pondo o contexto de lado, negligenciando-o, pondo-o como sempre análogo e sem momentos de crise, ou eliminando-o. A conclusão é de que o presente delimita o que do passado incorporado será ativado.

Crítica à teoria da prática a partir da escrita

Muitas vezes a noção de sentido prático nos é transmitida como a prática não-reflexiva. Pode-se pensar que o sentido prático no uso da linguagem⁴ é o exercício desta de forma pragmática. Ela é pensada nos moldes da urgência temporal e das necessidades econômicas imediatas. Lahire elaborará sua crítica na suspensão dessa urgência, bem como se distanciando das necessidades econômicas imediatas.

A redução economista da realidade social não permite de modo nenhum compreender a passagem da relação não reflexiva, pragmática com a linguagem [...] à relação reflexiva com a linguagem. [...]. E não é negar a importância da economia afirmar que esta não tem nenhum efeito direto sobre o tipo de relação que estabelecemos com a linguagem e que é preferível compreender a sociogênese dos saberes e das técnicas-exercícios que são produtoras de uma relação reflexiva com a linguagem mais do que crer ter analisado a essência de todos os exercícios escolásticos [...] (LAHIRE, 2001, p. 148-149).

Lahire terá como proposta uma volta à análise empírica de certas

⁴ Vale fazer aqui uma breve consideração sobre a linguagem. Bernard Lahire terá a linguagem como um dos motores da ação, mas não verá ação e linguagem como desconectados: “Porque a linguagem está no centro de toda a prática, de toda a forma de vida social [...], por essa razão, não tem, enfim, nenhum sentido encará-la como objeto *particular* de investigação sociológica [...]” (LAHIRE, 2001, p. 220). Assim, linguagem e sociedade, ordem linguística e ordem social, não são duas realidades distintas e relativamente autônomas, dado que não existe prática, por consequência, nem ação, fora da prática linguística. Distinção que Bourdieu, segundo Lahire, operava de forma rigorosamente formalizada: “Dizer que a atividade linguística (sob todas as suas formas) é apenas a 'expressão' de alguma coisa que já se formou na consciência fora de todo o instrumento linguístico, 'expressão' que seria uma espécie de 'exteriorização' de uma atividade 'interior', 'privada', 'íntima', isso seria afirmar que the tail wags the dog (a cauda abana o cão)” (LAHIRE, 2001, p. 222).

práticas, como as práticas ordinárias da escrita doméstica: nos fazeres de listas de compras, itinerários de viagem, notas em agenda, etc. Tais práticas podem apresentar uma “relação negativa” frente à memória incorporada do *habitus*. Tratará então de uma escrita com grande possibilidade de domínio simbólico, de racionalização. É como diferenciar a lista de compras que se faz para o abastecimento da casa para a semana, da lista que se faz para o preparo de alguma refeição não-habitual – a primeira geralmente não rompe com a urgência prática da ação, enquanto que a segunda geralmente rompe. A prática sob esses moldes também poderia nos fazer crer que um consumidor qualquer agiria de forma pré-reflexiva à situação de escolha frente aos muitos produtos que tivesse a sua frente – numa situação de compra, por exemplo, mas expansível para muitas outras práticas.

Para Lahire, escrever pode ainda servir para aliviar nossa tensão em momentos difíceis, de crise, por exemplo. Outro exemplo é quando se vai ligar para uma empresa a fim de se queixar de determinado serviço; o indivíduo que fará a ligação pode fazer uma série de notas para se guiar enquanto estiver ao telefone, até mesmo para escapar da situação de lembrar-se de algo que deveria ser dito apenas após a ligação. Nesse caso, tomamos notas para gerir o discurso que fazemos: “*O habitus linguístico, o sentido linguístico prático já não basta devido à tensão da situação da fala*” (LAHIRE, 2001, p. 169). Situações difíceis, de crise, e/ou quando sabemos que nossa escrita – nós mesmos, como no caso de uma apresentação – será avaliada em sua performance podem romper com a espontaneidade, criando certo tipo de distanciamento com a necessidade imediata, conduzindo os indivíduos a imaginarem consequências, a produzirem rascunhos, a corrigir-se constantemente.

A partir da escrita, então, Lahire elabora sua crítica ao *sentido prático*:

Quando o sentido prático (o habitus) já não basta para “se lembrar” ou para agir devido ao caráter inabitual das coisas, em nome do alongamento dos períodos de tempo a dominar e da necessidade de preparar o futuro, por causa da complexidade das atividades a gerir, da tensão devida à oficialidade da situação, da ausência do corpo, ou de perturbações-desorganizações mentais passageiras, então faz-se apelo ao escrito. [...] Ele [o texto escrito] permite pôr em forma, organizar, prever, planificar uma prática fora dela, antes da sua execução e pelo mesmo motivo, desfiar ou desfazer a urgência prática que pesa sobre a ação (LAHIRE, 2001, p. 175 – grifos do autor).

A prática da escrita, no entanto, não é oposta ao improvisado ou ao sentido prático, mesmo. Dado que as situações nas quais os indivíduos podem ser postos (ou se

colocarem) poderiam mesmo anular todo aquele preparo, bem como tal preparo traz consigo forte carga de conhecimentos práticos já incorporados. Outro ponto, para Lahire, é que o *habitus* enquanto gerador de práticas possui valor explicativo mais expressivo onde as práticas escritas (de codificação da realidade) são menos abundantes⁵.

A socióloga Sofia Amândio (2014) nos acrescenta nessa discussão:

Não defendendo o “ajustamento pré-reflexivo das disposições incorporadas às situações práticas” (Bourdieu, 1980), Lahire identifica funções – mnemônicas, organizadoras, planificadoras, reflexivas – de diferentes tipos de escrita doméstica que rompem com o sentido prático, e sugere que existe uma série de ações pensadas, controladas e planejadas que escapam à ação programada. (...) A leitura, ou a escrita, são, assim, vistos como instrumentos que permitem explorar mentalmente reações possíveis a situações novas, precisamente quando o indivíduo não pode recorrer de modo automático a um habitus, ou a um repertório de ação “finalizado” e “pronto a utilizar” (p. 39).

Outros apontamentos sobre a teoria da prática

Prosseguindo na análise, Lahire identifica uma ambiguidade sobre a palavra prática, que ora se opõe a discurso, ora se opõe a tudo que é teórico. Muitas vezes ainda designa de forma genérica as atividades sociais diversas. Para ele, “*é antes de tudo para assinalar essa diferença essencial entre o sábio e o técnico (o prático), o que está em situação de analisar e o que está em situação de agir, que Pierre Bourdieu construiu a sua ‘teoria da prática’*” (LAHIRE, 2001, p. 185). Distinção difícil entre o teórico – “possuidor de uma lógica lógica” – e o prático – “possuidor de uma lógica prática” – pois o próprio teórico em sua atividade laboral pode estar sendo orientado por um sentido prático do seu ofício, seus hábitos profissionais.

Para Lahire a teoria da prática de Bourdieu foi construída para se opor às concepções que punham o ator orientando sua ação de maneira racional, intencional, calculada. Por isso seu comprometimento com a urgência da ação,

⁵ Lahire vai ressaltar que Bourdieu utiliza a teoria do *habitus* para tratar da sociedade Cabila, ou seja, bem como havia feito Durkheim, utilizará tal teoria para o estudo de sociedades menos complexas. A questão é que ele utilizar a teoria do *habitus* também para sociedades complexas.

mas, sem ignorar a possibilidade do ator agir fundamentado em algum cálculo estratégico. Segundo Lahire, Bourdieu também utilizará o par teórico “domínio prático” e “domínio simbólico” para dar conta da diferença entre os arbitrários culturais de dominantes e dominados – e pondo o domínio simbólico da prática sob jugo das condições materiais de existência, que imputariam maior urgência da prática –, parecendo ainda o conceito de *habitus* ora englobar o domínio prático e ora o simbólico. Sendo o *habitus* o sentido prático sem consciência (não-reflexivo ou pré-reflexivo) seria uma contradição utilizá-lo na atividade do teórico (voltando ao exemplo acima) no domínio simbólico (consciente, racional). Afinal, “*se, com efeito, o habitus é essa experiência pré-reflexiva, não teórica..., então é claro que todas as práticas não têm o habitus como princípio gerador*” (LAHIRE, 2001, p. 189). Então, com o conceito de *habitus* teríamos tanto um *habitus* prático quanto um *habitus* reflexivo, o que implicaria numa contradição, dado que seria uma “pré-reflexividade reflexiva”. Lahire conclui: “*e é, sem dúvida, à custa de querer enfrentar demasiados problemas ao mesmo tempo com o mesmo instrumento teórico (...) que o instrumento pode acabar por se quebrar*” (idem).

Muitos dos exemplos utilizados por Bourdieu são de práticas esportivas, nas quais a lógica prática é mais forte. “*As condições do cálculo racional nunca são praticamente concretizadas na prática: o tempo é contado, a informação é limitada, etc.*” (BOURDIEU, 1987, p. 21 apud LAHIRE, 2001, p. 191). Contudo, apontará Lahire, o mundo não é essa urgência constante, como num jogo – e mesmo no jogo há brechas para a reflexão, pois sendo o praticante muito experiente, suficientemente treinado, ele consegue refletir sobre o jogo no mesmo momento em que o pratica. No mais, nem sempre a ação pode ser reduzida a um piscar de olhos, ao tempo de pronunciar uma palavra. Fazemos compras, preparamos uma apresentação, reformamos a casa, ou seja, os tempos da ação são os mais variados. Ao passo que é absurdo supor que os atores nunca são estratégicos/intencionais numa ação também o seria supor o inverso.

Há ainda um “(mau) hábito intelectual” que distingue rigorosamente a ação da reflexão. Somos levados a pensar a ação fora da reflexão, bem como a reflexão fora da ação. Quase nunca se trata da reflexão dentro da ação. Para Lahire, esse dualismo – de ou se põe a refletir ou se põe a agir – se deve pela perspectiva logocêntrica de como é encarada a reflexão (como culta, racional, teórica, etc.). “*Uma teoria da ação deve, portanto, integrar no seu programa científico o estudo das diferentes formas de reflexão que agem em diferentes tipos de ação*” (LAHIRE, 2001, p. 203-204 – grifos do autor).

A teoria do habitus

O *habitus* implica num sistema de disposições, com relativa primazia das experiências passadas, uma presença no/do passado nas situações presentes. Para Bourdieu, “o habitus, na qualidade de disposição geral e transponível, realiza uma aplicação sistemática e universal, alargada para além dos limites daquilo que foi diretamente adquirido” (BOURDIEU, 1979, p. 190 apud LAHIRE, 2001, p. 115). Para Lahire:

Com esta ferramenta teórica [o habitus], o sociólogo [Pierre Bourdieu] pretendia apreender o social sob sua forma incorporada (o que o mundo social deixa em cada um de nós na forma de propensões a agir e reagir de certa forma, de preferências e detestações, de modos de perceber, pensar e sentir) e assim atacar as bases do mito da liberdade individual” (LAHIRE, 2002b, p. 45).

Uma das questões suscitadas por Bernard Lahire é que muitos sociólogos acabam trabalhando com esse conceito, ou mesmo com as ideias de disposição ou esquemas de ação (e a transferência dos mesmos), como se fosse um fato empírico dado ou claramente estabelecido. Lahire trabalhará tais questões em pesquisas empíricas, comparando, de forma sistemática, as disposições sociais, isso conforme o contexto de ação no qual o indivíduo esteja inserido.

A teoria do *habitus* é, ao mesmo tempo, uma teoria da socialização, da ação e da prática – da qual é princípio gerador. E mais, a teoria do *habitus* é voltada para o sujeito especializado, com a lacuna da (quase) inexistência do esforço de especificar a construção deste.

A crítica que Lahire aplica sobre Bourdieu é principalmente empírica. Segundo Lahire (2012a), “o que Bourdieu designava por habitus era um caso muito particular (e talvez mesmo excepcional nas sociedades diferenciadas) de patrimônio individual de disposições” (p. 206). O que se teria então é um conceito retórico deduzido das práticas sociais, mas que vivenciou raso confronto com a realidade histórica e empírica. De certa forma a sociologia à escala individual buscaria trabalhar empiricamente com tal conceito.

Segundo Sofia Amândio (2014), sustentando-se na linha argumentativa de Bernard Lahire, a sociologia disposicionalista de Pierre Bourdieu via indivíduos homogêneos num mundo heterogêneo. O *habitus* então seria *um*, o indivíduo capaz de viver crises e sofrer por conta delas seria incapaz de

transformar-se, ou seja, mesmo no seio de uma sociedade diferenciada os indivíduos não teriam seus *habitus* afetados. Amândio conclui que o “ator plural é o indivíduo cujo conjunto de práticas é irreduzível a uma ‘fórmula geradora’ ou a um ‘princípio gerador’” (p. 44), e prossegue, “surge assim a necessidade de comparar sistematicamente as disposições sociais [...] em função do contexto de ação considerado. O que está em causa não é a sociogênese do *habitus*, mas antes a gênese das disposições” (p. 44-45 – grifos da autora). A saída, apontada por Lahire, seria a de acompanhar os atores em diferentes situações da vida social⁶.

Para Lahire, um ator, bem como as suas disposições, não pode ser definido por uma única “situação”, nem mesmo por coordenadas sociais determinadas. Tal generalização seria abusiva. Bourdieu já sentenciava que “o mesmo *habitus de classe* pode gerar opiniões políticas ou estéticas radicalmente opostas” (BOURDIEU e PASSERON, 1970, p. 51 apud LAHIRE, 2001, p. 105). Mas, mesmo sob tal alerta a teoria do *habitus* continuou a ser tratada como um sistema (mais estático e homogêneo), ao invés de um patrimônio (mais dinâmico e heterogêneo), de disposições, por vezes negligenciador dos contextos da ação – que pode, inclusive, levar os atores à utilização de esquemas de ação julgados como não coerentes ou inadaptados a uma situação vivida.

Os campos (e subcampos) sociais

A teoria dos campos sociais explicita um modo de pensar a diferenciação social, “dá continuidade a uma longa tradição de reflexões sociológicas e antropológicas sobre a diferenciação histórica das atividades ou das funções sociais e sobre a divisão social do trabalho” (LAHIRE, 2002b, p. 48). Campos sociais são espaços estruturados, relativamente autônomos, com posições a serem ocupadas, regras a serem seguidas, interesses, com seus capitais (desigualmente distribuídos) e lutas específicas.

Lahire tem que os campos e subcampos parecem se apossar de toda forma de interação entre indivíduos, com a constante ilusão de que os atores já nasceram dentro de tal ou qual campo – o que explica de certa forma a falta de interesse pela vida desses atores fora do campo que produzem. Fica a questão se para todo encontro entre pessoas teremos como pano de fundo a constituição de um campo social. Um encontro casual, para Lahire, não consiste

⁶ A influência de Lahire já gerou muitas pesquisas neste sentido, de acompanhar os atores em diferentes situações ou mesmo de entrevistas seguidas com os mesmos atores.

necessariamente na formação de um campo, bem como algumas práticas – e objetos – pertencem a vários campos ao mesmo tempo. O campo jurídico, por exemplo, pode incluir práticas do campo universitário, bem como extra-universitário, como o religioso, o estético, o econômico, etc.

O entendimento de Lahire é de que a teoria dos campos resolve uma série de problemas científicos, mas gera outros: ignora as passagens operadas pelos agentes de um campo a outro (que pode fazer com que disposições avessas ao campo presente possam ser ativadas, bem como há também a distinção dos campos onde somos produtores dos que somos consumidores, espectadores, etc); negligencia aqueles que se definem socialmente fora de toda atividade de um determinado campo (mulheres no lar, sem atividade profissional nem pública, por exemplo); e considera fora do campo “os sem-grau”, as pessoas que se encontram à margem no campo (os funcionários que trabalham na portaria, nas cantinas, na limpeza, são exemplos, e, diga-se de passagem, indivíduos já subalternizados). É como se uma parte considerável do mundo social estivesse fora do campo de análise.

A teoria dos campos empenha muita energia para iluminar os grandes palcos em que ocorrem os desafios de poder, mas pouca para compreender os que montam esses palcos, instalam os cenários ou fabricam seus elementos, varrem o chão e os bastidores, xerocam documentos ou digitam cartas etc. (LAHIRE, 2002b, p. 50).

Para Lahire, a teoria dos campos sociais se localiza entre o micro e o macro, mas não permite pensar especificidades (ou essencialidades). Ainda se apresenta “relativamente esquelético”, não nos permitindo ver mais que espaços de correlação de forças, disputas por posição, relações de dominação, elaboração de estratégias; questões profundamente alicerçadas na distribuição de capitais específicos. Concluirá, então, que Bourdieu *reduz a sociabilidade* para a mobilização de capitais (LAHIRE, 2005, p. 50). O que não significa que seja pouca coisa, muito pelo contrário. Vale lembrar que o conceito de “contexto” de Lahire, as “molas da ação”, abarca uma pluralidade, uma diversidade, muito mais ampla.

Também o campo social, no escopo de uma sociologia da reprodução, acaba por ignorar os discursos provenientes do interior do próprio campo em análise. Por exemplo, a ideia da escola como reprodutora das desigualdades sociais pode levar a ignorar as relações no interior das atividades pedagógicas:

Al asociar los fenómenos de desigualdad académica a la estructura desigual de la distribución del capital cultural y a los fenómenos de herencias culturales, Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron desembocaron en visiones sociológicas ahistóricas [...] y un poco formales del mundo social, no captando otra cosa que estructuras desiguales, diferencias, proximidades, diferenciales, etc., y dejándonos inermes en lo tocante a la especificidad de la escuela, a saber, los contenidos (históricamente variables) de las actividades que se traman y de los saberes que en ella circulan, los gestos de estudios que allí se transmiten, las disposiciones que se constituyen y reconstituyen incesantemente, las formas de relaciones pedagógicas (que son también relaciones de poder) que se entablan, etc. (LAHIRE, 2002a, p. 56).

Os discursos acabam sendo postos à margem nesse processo, passam a ser encarados como representação simbólica proveniente da relação e posição institucional do agente que fala. A autoridade da linguagem não viria então da linguagem mesma, mas de fora. A linguagem se limitaria a representação da autoridade. Sendo assim teríamos quase que agentes sem discurso.

Curioso destacar que em determinado momento de sua trajetória acadêmica, Bernard Lahire para de utilizar o conceito de “campo literário” e passa a utilizar o de “jogo literário”. A razão de tal mudança pode nos esclarecer: “*as origens desta mudança conceitual estão ligadas à ausência de tomada em consideração, na teoria do campo, dos tempos vividos fora do campo e à consequente redução dos atores sociais a ‘membros do campo’*” (LAHIRE, 2012a, p. 201). Um dos motivos para essa troca é que o conceito de campo social não se mostrava suficiente para situações onde a presença dos atores produtores do campo se dava de forma intermitente. Por exemplo, a participação intermitente dos escritores no interior do universo literário, cuja escrita pode sequer ser sua fonte de renda (ou profissão) principal ou o mesmo pode não ter frequentado uma universidade ou feito parte do mundo dos literatos da sua época. Ficaria a questão de onde esses atores se localizariam no campo literário. Utiliza então a noção de “jogo”, mas de maneira diferente de Bourdieu, que para Lahire, a utilizava “*como uma simples maneira pedagógica de fazer compreender o que é o campo*” (idem, p. 202). Tal metáfora, de “jogo literário”, tem a função então de “*diferenciar os tipos de universos que oferecem condições de vida muito diferentes aos seus respectivos participantes*” (idem), principalmente uma oposição a palavra trabalho.

Uma proposta investigativa

Para Bernard Lahire não se trata de superar a herança deixada por Pierre Bourdieu. Lahire as valoriza e as articula criticamente para estabelecer um novo programa para as ciências sociais. Alguns dos principais pontos são: a abordagem metodológica deve ser escolhida conforme a natureza do estudo que se pretende desenvolver; que os indivíduos não sejam vistos nem como átomos, “*mas como produto complexo de múltiplos processos de socialização*” (LAHIRE, 2001, p. 248), nem como “indivíduos isolados”, dado que a sua própria atividade mental é produto de experiências sociais passadas; que olhando para o indivíduo estamos olhando para o social em sua forma incorporada; que não existem regularidades no mundo social que permitam aos pesquisadores tratá-las por “leis sociais” (que seria uma imprudência chamar de “lei social” enquanto relações estatísticas identificam variações, exceções); que generalizações são comumente grande obstáculos; procura-se também tornar visíveis as práticas que muitas vezes são obscurecidas por noções, conceitos e categorias; deve-se ter claro que é uma mudança de escala e não uma negação das desigualdades sociais; etc.

Os passos a serem dados metodologicamente seriam então: reconstruir/descrever as práticas, reconstruir/descrever as situações onde tais práticas se desenvolveram, reconstruir os elementos da história dos praticantes (sua trajetória, biografia, rotina, etc.) que sejam (julguem ser) importantes (LAHIRE, 2001, p. 70). Seguir um mesmo ator em situações diferentes nem sempre será possível, sendo sucessivas entrevistas⁷ e rigorosa análise documental alternativas mais viáveis – o livro *Retratos Sociológicos* (2004), de

⁷ Inclusive, Bernard Lahire utiliza este *dispositivo metodológico* de entrevistas sucessivas e o problematiza na obra *Retratos Sociológicos* (2004). Foi realizada uma série de seis entrevistas de conteúdo majoritariamente biográfico com os mesmos oito pesquisados (três homens e cinco mulheres) – comumente no domicílio dos entrevistados e abordando seis temas (que se imbricam, possuem interpenetração): escola, trabalho, corpo, lazer, sociabilidade e família (que buscam abranger o grande universo da socialização). Segundo Lahire, “só um dispositivo metodológico desse tipo permitiria julgar em que medidas algumas disposições sociais são transferíveis de uma situação para outra e avaliar o grau de heterogeneidade ou homogeneidade do patrimônio de disposições incorporadas pelos atores durante suas socializações anteriores” (p. 32). Lahire destaca ainda que as entrevistas sucessivas foram realizadas pelo mesmo pesquisador, por motivos de “continuidade e confiança” – adquirida nas entrevistas anteriores – e para tornar mais leve um dispositivo já pesado – principalmente para o pesquisado, que já dedicava bastante tempo à pesquisa, caso tivesse que ser entrevistado por muitas pessoas diferentes. Mesmo assim ainda há um risco, já que submeter o pesquisado a um mesmo pesquisador implica que o primeiro busque de alguma forma manter coerência no seu discurso conforme as entrevistas vão se seguindo.

Bernard Lahire, produto de uma pesquisa experimental, é muito interessante para ver sua proposta em prática⁸. O objetivo é reconstruir as variações do comportamento individual em variados contextos sociais – Lahire destaca ainda que muito raramente os sociólogos comparam o comportamento dos indivíduos em mais de um contexto. Deste modo, pode-se operar a passagem do “real ontológico” para o “real construído”. “*Resumindo, trata-se de desenvolver uma sociologia da pluralidade das lógicas efetivas de ação e da pluralidade das formas de relação com a ação*” (LAHIRE, 2001, p. 206 – grifos do autor).

A sociologia à escala individual não significa o não reconhecimento da existência de classes sociais ou mesmo de desigualdades (no caso, principalmente escolares, culturais e sociais). Lahire (2008, 2011) falará mesmo das desigualdades sociais, seja na interiorização gradual das expectativas – que os atores incorporam nas muitas experiências sociais e que pode conduzir a célebre frase “isso não é para nós” –, seja na centralidade que dará aos títulos escolares, que funcionam como capital, nas sociedades ocidentais – onde a educação passou a ocupar destacado papel nas relações entre classes sociais. É preciso localizar também que as obras de Bourdieu foram/são demasiadamente importantes e que em seu tempo buscavam responder sociologicamente contra certas ideologias dominantes, profundamente arraigadas no senso comum, como a da escola como espaço democrático, a meritocracia e a ideia de dom.

Sociologia, para que serve?

Uma pergunta que podemos fazer após acessarmos a produção de Bernard Lahire é o *para que serve a sociologia?* Pergunta chave que deveria estar no âmago de todas as práticas científicas. Novamente o nosso autor tem profunda influência de Pierre Bourdieu, segundo o qual uma das razões a que serve a sociologia é a de “*compreender o mundo social, a começar pelos poderes, operação que não é neutra socialmente e que preenche sem nenhuma dívida uma função social*”, tal sentido se dá “*porque não existe poder que não deva uma parte – e não a menor delas – de sua eficácia ao desconhecimento dos mecanismos que o fundam*” (BOURDIEU, 1980, p. 23-24 apud LAHIRE, 2014b, p. 49). Trata-se então não de servir a alguém ou a algo, mas de preencher

⁸ Segundo o autor: “o horizonte regulador deste trabalho foi o de avaliar a rentabilidade científica de todo um léxico conceitual disposicional, por meio de uma pesquisa concebida para atualizar e interpretar as variações contextuais dos comportamentos e atitudes de indivíduos singulares (variações intra-individuais)” (LAHIRE, 2004, p. 20).

uma função social:

Na falta de ciências sociais fortes, e cujos resultados são o mais amplamente difundidos, os cidadãos ficariam totalmente desprovidos face a todos os provedores (produtores ou difusores) de ideologia, multiplicados ao longo das últimas décadas numa sociedade na qual o lugar do simbólico (ou seja do trabalho sobre as representações) é consideravelmente apagado. O papel dos especialistas da comunicação política (melhor, porém, seria falar de “manipulação política”) ou do marketing, dos jornalistas, dos pesquisadores, quase cientistas, dos retóricos mais ou menos hábeis, enfim, de todos os sofistas dos tempos modernos, não parou de crescer, e é, portanto, imprescindível transmitir, o mais racionalmente possível e para o maior número de pessoas, os meios de decifrar e de contestar os discursos de ilusão sobre o mundo social (LAHIRE, 2014b, p. 50)

Neste sentido o ensino da sociologia ganha grande importância, tratando-se de “*transmitir o mais racionalmente possível para o maior número de pessoas, os meios de decifrar e de contestar os discursos de ilusão sobre o mundo social*” (idem, p. 52). Não à toa essa disciplina é constantemente ameaçada de ser retirada dos currículos escolares. No mais, o conhecimento sobre os processos sociais contribuiria para uma formação cidadã, como prezam a maioria dos estados.

Conclusão

Sem dúvida a contribuição de Bernard Lahire é muito importante e nos acrescenta muito para uma melhor compreensão do escopo teórico desenvolvido por Pierre Bourdieu. São autores imprescindíveis para acessar a sociologia disposicionalista. Vale constar que Lahire se assume como “*herdeiro heterodoxo da sociologia incarnada*” de Bourdieu, e que por isso atrai a ira de outros herdeiros mais ortodoxos, bem como dos detratores dessa sociologia (LAHIRE, 2014a, p. 270). Como dito por Frédéric Vandenberghe (2013, p. 71): “*Bernard Lahire é simultaneamente o mais aguerrido dos críticos de Bourdieu e o mais fiel de seus discípulos*”. E claro, ser um crítico aguerrido não implica em ser um opositor ferrenho.

Bom ter em mente também que a proposta programática de Lahire, a sociologia à escala individual, não pretende ser única, muito pelo contrário; ele valoriza as diferentes metodologias, vendo-as mesmo em complementaridade.

Sua proposta nos abre a possibilidade de leituras críticas, de problematizações, sobre análises sociais simplistas (e parciais) que são amplamente veiculadas, bem como fortalece o embate ao senso comum – que muitas vezes serve para legitimar o poder de dominantes – que atinge a todos cotidianamente.

É de fundamental importância, para nós pesquisadores e educadores, aprofundar nosso conhecimento sobre *como* os indivíduos incorporam o social, sobre o processo de socialização⁹ mesmo. Das reflexões constantes que devemos ter estão a desnaturalização sobre a formação social dos indivíduos; um olhar atento que vai da socialização primária (familiar – o que não implica em homogeneidade) à secundária (escolar, profissional, estética etc. – que não são meras atualizações/desenvolvimentos da socialização primária) de forma não mecânica; da importância e do peso da origem social; da construção das trajetórias, comumente não lineares e preenchidas de incertezas no caminho.

Talvez apresentar o trabalho de Bernard Lahire conforme propomos fazer, sem utilizar fontes primárias sobre as obras e teorias de Pierre Bourdieu – que são amplamente difundidas, analisadas, reproduzidas –, possa parecer um equívoco, mas a ideia era mesmo focar em como Lahire o mobiliza e, quem sabe, gerar interrogações para os já iniciados e curiosidade para os não iniciados nessas sociologias.

Referências

AMÂNDIO, Sofia. **O fio constitutivo da sociologia empírica de Bernard Lahire**. Em: Revista Sociologia, Problemas e Práticas, n. 76, 2014. Pp. 33-49. Disponível em: <http://journals.openedition.org/spp/1669>.

LAHIRE, Bernard. **O homem plural: as molas da ação**. Ed. Instituto Piaget, Lisboa, 2001.

_____. **Campo, fuera de campo e contracampo**. Em: Colección Pedagógica Universitaria 37-38, enero-junio/julio-diciembre. 2002 (2002a). Pp: 01-37. Disponível em:

⁹ Em síntese, para que o conceito de socialização não seja um dado sem necessidade de problematização, de profundo caráter retórico, “é preciso então precisar – descrever e analisar – os quadros (universo, instâncias, instituições), as modalidades (maneiras, formas, técnicas etc.), os tempos (momento em um percurso individual, duração das ações socializadoras, grau de intensidade e ritmo dessas ações) e os efeitos (disposições a acreditar, a sentir, a julgar, a se representar, a agir, mais ou menos duradouras) de socialização” (LAHIRE, 2015, p. 1395).

https://www.uv.mx/cpue/coleccion/N_3738/H%20Lahire%20campo%20contra%20campo.pdf.

_____. **Reprodução ou prolongamentos críticos.** Em: Educação & Sociedade, ano XXIII, n. 78. 2002 (2002b). Pp. 37-55.

_____. **Retratos sociológicos: disposições e variações individuais.** Porto Alegre: Artmed, 2004. Pp: 19-46.

_____. **Patrimônios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual.** Revista Sociologia, Problemas e Práticas, n. 49, 2005. Pp. 11-42.

_____. **Diferenças ou desigualdades: que condições sócio-históricas para a produção de capital cultural?** Sociólogo, n. 18 (II série). 2008. Pp. 79-85.

_____. **A transmissão familiar da ordem desigual das coisas.** Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. XXI, 2011. Pp 13-22.

_____. **Do homem plural ao mundo plural.** Entrevista concedida a Sofia Amândio. Análise Social, 202, v. XLVII. 2012a. Pp: 195-208.

_____. **De la teoría del habitus a una sociologia psicológica.** Em: Revista de Investigación Educativa, núm. 14, enero-junio, 2012 (2012b). Pp. 75-105.

_____. **Discurso proferido durante a cerimônia oficial de entrega da médaille d'argent do CNRS.** Em: Cadernos do Sociofilo (IESP-UERJ), Quarto Caderno, 2014 (2014a). Pp. 267-273.

_____. **Viver e interpretar o mundo social: para que serve o ensino da Sociologia?** Em: Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 45, n. 1, jan/jun, 2014 (2014b). Pp. 45-61.

_____. **A fabricação social dos indivíduos: quadros, modalidades, tempos e efeitos de socialização.** Em: Educ. Pesqui., São Paulo, v. 41, n. especial, dez., 2015. Pp. 1393-1404. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v41nspe/1517-9702-ep-41-spe-1393.pdf>.

LIMA JÚNIOR, Paulo; MASSI, Luciana. **Retratos sociológicos: uma metodologia de investigação para a pesquisa em educação.** Em: Revista Ciência e Educação, Bauru, v. 21, n. 3, 2015. Pp. 559-574.

MARQUES, Paulo Eduardo Moruzzi. **Em defesa de uma sociologia em escala individual.** *Contemporânea* – Revista de Sociologia da UFSCar, v. 6, n. 2, jul.-dez. 2016. Pp. 487-492.

VANDENBERGHE, Frédéric. **A Sociologia na escala individual: Margareth Archer e Bernard Lahire**. Em: Cadernos do Sociofilo (IESP-UERJ), Quarto Caderno, 2013. Pp. 70-112.

The sociology of Bernard Lahire and his criticisms of Pierre Bourdieu's sociology

ABSTRACT

The question of how individuals incorporate the social is one of the oldest issues in sociology. Pierre Bourdieu's contributions to this question are notorious. His theories, such as practice, of the capitals, the *habitus*, and the social fields, have become fundamental to any researcher in the social sciences. But our focus here is on another french sociologist: Bernard Lahire. Lahire's dispositionalist and contextual sociology focuses on how individuals mobilize their dispositions (of schemes of action) according to the plurality of contexts (which act as springs of action). It is a profound reflection on what many social scientists treat as a given: the individual apprehension of the social world. He also presents a programmatic proposal, sociology at the individual level, which does not aim to be exclusive, but seeks more effective methodologies to capture the plurality of the logics of action. In this article we discuss not only the dispositionalist sociology and the programmatic proposition of Bernard Lahire, but we hold with special attention on how this sociologist mobilizes the theoretical and conceptual apparatuses elaborated by Pierre Bourdieu.

Keywords: Bernard Lahire, Pierre Bourdieu, dispositionalist sociology, plurel actor.